

GONZATTO, Camila. *Encontros e Dissonâncias*. Porto Alegre: Okna Produções, 2012. 52’.

Fabiela **Bigossi**¹
Luísa Maria Silva **Dantas**²

O documentário é resultado do encontro com os convidados do ciclo de palestras Fronteiras do Pensamento ao longo do ano de 2011. Em “Encontros e Dissonâncias”, a roteirista e diretora Camila Gonzatto promove inicialmente a interação entre os palestrantes do evento com intelectuais e artistas brasileiros.

O instigante título do documentário remete aos espectadores o principal intuito da obra, qual seja, provocar uma reflexão sobre os “encontros” e “dissonâncias” entre “eu” e ou “outro”; em que por meio do diálogo entre as diferentes perspectivas dos intelectuais em questão, que perpassam as problemáticas da globalização e pós-modernidade, da humanidade e identidade, e religião e arte, propõem o estabelecimento de conexões entre singularidades e pluralidades através de diferenças como um “caminho” sugestivo para a resolução das crises globais, em que a intolerância poderia dar lugar a destinos mais igualitários e democráticos.

O sociólogo Edgar Morin é entrevistado pelas antropólogas CorneliaEckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha. Percorrendo espaços da cidade de Porto Alegre e através de uma narrativa imagética dessa cidade e Paris em 1960 com as imagens de Crônicas de um Verão³. A discussão em torno da problemática das identidades é o que perpassa toda a sua entrevista. A impossibilidade de pensar o homem em relação com o outro familiar, estrangeiro ou mesmo inimigo sem partir do princípio que esse outro é ao mesmo tempo igual a nós e também completamente diferente é a base para segundo, para ele compreender a humanidade, ou seja, a chave está em reconhecer a diversidade e a unidade de cada um sem a pretensão de homogeneizar.

Segundo Morin, a cidade é o espaço por excelência de todas as ambivalências e problemas. Sem deixar de considerar a nossa “aderência subjetiva” às cidades ele mais uma vez fala das identidades pelas quais somos constituídos, a identidade subjetiva (eu)

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Crônicas de um Verão (França, 1960). Edgar Morin & Jean Rouch. Duração 90’.

e a comunitária, o pertencimento a uma comunidade é o que reforça e complexifica a identidade.

A preocupação constante de Morin sobre o conhecimento e a sua orientação teórica pluridisciplinar nas suas análises da sociedade permitem ao autor uma análise crítica de um dos temas atuais mais comentados: a crise. Segundo ele, vivemos um período de crises, plurais, não apenas econômicas ou demográficas, por exemplo, mas principalmente uma crise de humanidade e essa crise é agravada no que diz respeito ao conhecimento, porque somos habituados a fragmentá-lo, a separá-lo, criando especialistas em domínios específicos que não são capazes de realizar uma análise global.

O crítico literário Frederic Jameson é entrevistado pelo jornalista Juremir Machado discutindo também os “encontros” e “dissonâncias” entre “eus” e “outros” no cenário da pós-modernidade, que mais do que um estilo, em suas considerações também é uma estrutura, um momento do capital, do capitalismo global que perdurará muito tempo, diretamente relacionada ao mercado e ao neoliberalismo. Desse modo, conhecido por ser um “americano marxista”, Jameson aponta a pós-modernidade e a globalização como duas faces da mesma realidade. Partindo do contexto americano em que a questão racial se colocou como um problema social historicamente, ele aproxima as políticas de identidade às políticas da diferença, permeadas pelo marcador de classe e indicador de desemprego, ainda que, alertando para o caráter de exclusão envolto em tais políticas. Além disso, ressalta para o exercício de identidades políticas que podem ser usadas como desculpas para cometer atrocidades e os perigos do relativismo. Em relação aos Estados Unidos, Jameson argumenta que possuem uma política de evitação a grandes mudanças e revoluções, posto que, comumente são esses eventos que incentivam o afloramento de fundamentalismos religiosos, como ocorreu no Afeganistão durante a década de 1950, com o fim do socialismo. Portanto, com o exemplo da Al-Qaeda, inserido no sistema capitalista. Ao ser questionado por Alain de Botton sobre o que o marxismo poderia ainda que contemporaneamente contribuir com o Brasil, Jameson responde que a informação política, a formação ideológica no que diz respeito às diferenças de classes e à modernidade continuam sendo atuais e não apenas para o Brasil; já que o Brasil também pode contribuir na compreensão de outras realidades, mesmo que não se tenham soluções acabadas.

O escritor Alain de Botton é entrevistado pelo cineasta Jorge Furtado, que o incita relatando uma situação em que um taxista resolve abandonar a profissão e fundar uma igreja. Ele argumenta que a partir da moral, o que é bom ou mau, depende da necessidade, mesmo que possa ser imoral, se faz bem para as pessoas que estavam lá, não pode ser julgado como mau, já que a prática do taxista poderia ser considerada como constituinte do “bom capitalismo”, pois presta um serviço às “necessidades da alma” das pessoas, portanto é um negócio, tanto quanto, os livros comerciais de autoajuda. O importante não seria o serviço ou produto, mas o modo como é prestado. As questões religiosas devem ser vistas além da superficialidade das inscrições, mas sim na profundidade das representações, como por exemplo, a ligação com o corpo. Além disso, ao relacionar os ritos religiosos com a arte e o cinema, Botton alega que os ritos promovem uma didática aberta, em que o público pode vivenciar exatamente a mudança que se propõe; já a arte contemporânea, pretende a mudança, mas é tímida em seu intuito.

A fluidez da identidade e ao mesmo tempo a dificuldade de não sentir-se completamente pertencente a um lugar por não encaixar-se em um padrão identitário considerado característico de um lugar (nação), colocando-se como próprio exemplo desse processo por ter vivido em diferentes cidades, além do conflito no projeto de vida de uma família de empresários em que ele tornou-se um escritor com interesse em filosofia, assinalando a constante crise pessoal a que estamos submetidos, e que as pessoas não deveriam ser classificadas apenas por uma identidade, desse modo, sugere a criação da identidade através da escrita.

O jornalista e sociólogo Marcos Rolim entrevista o cineasta Mohsen Makhmalbaf. Makhmalbaf é militante político pela democracia e idealizador de uma ONG para permitir o acesso de crianças afegãs ao ensino no Irã. A imigração afegã para o Irã e as mazelas da fome e da guerra no Afeganistão são denunciadas pelo cineasta em sua produção mais conhecida: *Alfabeto Afegão*⁴. O filme é um destaque da importância da arte como intervenção política. Após a exibição do filme, o governo do Irã reviu sua posição e passou a permitir o acesso das crianças afegãs as escolas iranianas. As observações de Makhmalbaf trazem a discussão o lugar da imagem no Afeganistão, mostrando o quão é recente a introdução de imagens no país, como a televisiva, por

⁴Makhmalbaf, Mohsen. *Alfabeto Afegão*. Irã, 2002. 45’.

exemplo, e também a “não imagem” das mulheres com seus rostos escondidos pelas burcas. Documentado em um clima sombrio com imagens de uma das obras do próprio cineasta, este discute especialmente o papel da imagem na condução de um governo democrático e na denúncia da exclusão de alguns grupos.

O escritor e prêmio Nobel de Literatura em 2006, Orhan Pamuk é entrevistado pela artista plástica Elida Tessler, que apresenta ao autor, sua obra “Meu nome também é vermelho” (2009) e “Meu nome ainda é vermelho” (2010), realizada a partir do livro *Meu nome é vermelho*⁵, escrito por Pamuk. A artista plástica intervém na própria obra do autor, fazendo um traço vermelho em todas as letras, exceto as que trazem alguma menção a cor vermelho ou suas variações, seja a palavra vermelho ou o sangue, as cerejas, enfim onde há referência à cor. As palavras são posteriormente transcritas com tinta vermelha, em um caderno com a capa da mesma cor e são posteriormente fotografadas e enquadradas em pequenos quadros de molduras igualmente vermelhas. Em 2010 Tessler dá continuidade a sua criação a partir da obra do autor, inserindo sua intervenção anterior e reproduzindo em um livro um dos capítulos da obra de Pamuk.

A discussão sobre identidade mencionada por Pamuk traz como exemplo Istambul, onde mesma cidade, as diferentes influências foram somando-se a partir dos períodos históricos e civilizações, e sua responsabilidade enquanto escritor no relato desse passado aos contemporâneos. O momento de tensão política do oriente fica por conta da resposta de Pamuk à questão posta por Makhmalbaf, em que o primeiro considera que na verdade as relações são entre as pessoas no cotidiano e não entre líderes políticos, elucidando a manutenção das relações diplomáticas entre Turquia e Irã.

Entre leituras de passagens de livros pelos palestrantes e entrevistadores, imagens de Paris, Zurique, Irã e Istambul de anos atrás e um passeio pela capital gaúcha atual, o documentário traz os palestrantes não apenas apresentando suas produções intelectuais, mas também compartilhando com o espectador suas questões e dilemas filosóficos.

Através de questões provocativas, exemplos cotidianos e teorias contemporâneas, a descontinuidade estética do média-metragem faz com que os espectadores percorram diferentes ritmos temporais sugeridos pela alternância de

⁵ Pamuk, Orhan. *Meu nome é vermelho*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

densidade nas narrativas dos convidados, que em formato de diálogo, mais uma vez suscitam sobremaneira a implicação do próprio espectador na reflexão sobre as proximidades e os distanciamentos entre “eu” e o “outro”, por vezes vivenciado por crises no cenário global, em que a diferença, ainda que muito debatida, clama ser posta em prática.

Recebido em: 02/11/2012
Aprovado em: 23/11/2012